

FESTA DOS ANJINHOS: TRADIÇÃO HISTÓRIA E MEMÓRIA DO BAIRRO CARRILHO COSMORAMA/SP

LAÍS REGINA CASQUEL*

A memória é a protetora do tempo. Guardiã atenta a todos os momentos a fim de encontrar melhor oportunidade de evidenciá-los. E mesmo tendo conhecimento da grandiosa virtude humana de lembrar fatos pretéritos, entendemos também, ser importante preservá-los. Pierre Nora fez a seguinte afirmação sobre memória no texto “Entre a história e a memória: a problemática dos lugares”:

“A memória humana é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.”
(NORA, 1993: 9)

Compartilhando da mesma opinião e analisando a preocupação levantada pelo autor ao referir-se ao fato do sentimento de pertencimento e de continuidade estarem ligados aos lugares de memória. (NORA, 1993: 7) E da necessidade da criação desses espaços para manipulação da memória e surgimento de uma “história oficial”, o que Nora chama de “memória arquivista” e “inventariada”. E por uma memória oficial é que surgiram os monumentos, os arquivos, os museus, as bibliotecas muitos desses espaços onde a memória é guardada para evitar o esquecimento, mas é também nestes locais em que ela foi construída e manipulada.

Quando o historiador começa a trabalhar com a memória, ele tem que tomar os devidos cuidados para não ferir essa memória, para que não perca sua verdadeira forma, assim como nos alerta Nora “é a memória que dita e a história quem escreve”. Parafraseando Paul Ricœur “A memória é passado” e o historiador mergulha sobre a memória para alcançar esse pretérito.

Durante a graduação havia trabalhado na linha de estudos de História Cultural, mais precisamente dentro da perspectiva da Memória, História Oral e Gênero, numa abordagem da micro história. Mais uma vez, a personagem central de meus estudos é uma mulher, que com

toda a sua crença deixou para seus descendentes esse patrimônio. O que significa que de certa forma haverá, ao evidenciar a parteira como protagonista de nossa narrativa, uma singela contribuição para a História de Gênero do Noroeste Paulista, encaixando a forma de viver, de sentir e suas contribuições culturais para a formação do bairro Carrilho, o município de Cosmorama e toda a região.

Para a preservação da memória e construção de um estudo histórico cultural desse lugar, será importante a presença constante de estudiosos como Jaques Le Goff, Roger Chartie, Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, entre outros (BURKE,2008: 88), que pudessem colaborar com a interpretação das práticas culturais da antiga Vila, a realização de um levantamento acerca da documentação sobre o bairro e sua importância histórica para a região do noroeste paulista são objetivos que colaboraram para compreendermos o que é vivido pelos moradores do bairro Carrilho, por isso entendemos que essa pesquisa está inserida no campo da História Cultural, ao valorizarmos as ações humanas, as tradições, a memória, a transmissão oral, as representações sociais, e como Chartie diria “*O modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*”(CHARTIE,1988:13-28), a apropriação dessas representações sociais, dos usos, interpretações das tradições e praticas das pessoas envolvidas nesta narrativa.

A fim de alcançar a história da Festa dos Anjinhos do bairro do Carrilho, do município de Cosmorama/SP, que mergulharemos nas memórias que os familiares têm de Dona Arcanja e de sua trajetória. A história de vida desta senhora faz parte dos critérios de investigação desta pesquisa, abordaremos muito sobre sua vida e seu ofício de parteira, porem nosso objeto de análise é o cemitério. Partiremos também da imaterialidade da Festa dos Anjinhos, da tradição oral dos descendentes da parteira, da análise de algumas imagens guardadas por eles das festas anteriores, para chegarmos ao que pretendemos responder: “*O que leva o Cemitério dos Anjinhos ser um lugar de memória para o bairro Carrilho de Cosmorama?*” e a partir desta questão, entender: *Qual a importância de preservar a Festa dos Anjinhos enquanto patrimônio Cultural?* Assim fundamentamos a pesquisa nas tradições, histórias e memórias deste lugar.

Inicialmente, trabalharemos as memórias que cercam esse cemitério, é surpreende acreditar que houvesse, ainda, “homens de memória”, onde as tradições e crenças são

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

naturais, onde não há um forjar da memória, uma construção ou manipulação. Tal espanto se deu, pois os homens das sociedades industriais avançadas já não aprendem de cor e datas, nem textos, nem, alias, a tabuada (CHOAY, 2001:229) e esses moradores seguem essa tradição deixada como herança há tantos anos.

A celebração religiosa Festa dos Anjinhos, iniciou-se com a Dona Arcanja Maria de Jesus, que nasceu em 1867, na cidade de Santo Antônio dos Campos, Minas Gerais, filha de Manoel Frisiano Saldanha e Maria Arcanja de Jesus, a descendente de “bugre”, vivia em uma singela casa na vila Carrilho, entre as cercanias dos povoados nascentes de Tanabí, Cosmorama e Ecatu, nas proximidades da estrada de Boiadeira ou como é oficialmente conhecida Estrada de Rodagem Porto do Taboado que ligava os estados de Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais.

Ali naquela pequena vila, Dona Arcanja além de cumprir seus afazeres de esposa, mãe e dona de casa, com o dom que herdou das raízes indígenas, colocou-se a disposição das pessoas que necessitassem do ofício de Parteira, trazendo à vida por suas mãos muitas crianças. Para entendermos a importância desta mulher e de seu ofício, temos que entender quem era a parteira? Segundo a historiadora e pesquisadora de História das Ciências Maria Renilda Nery Barreto, em um artigo para a revista *História, Ciências, Saúde* do Rio de Janeiro, em 2008:

“Usavam-se vários nomes para designar uma mulher que cuidava da assistência ao parto: parteira, comadre, aparadeira e curiosa. O termo comadre foi bastante utilizado na língua portuguesa e significa ‘com a mãe’. Em inglês, o termo correspondente seria midwife, que também quer dizer ‘com a mulher’, ou seja, aquela que tem a função de acompanhar outra mulher. Na França, a parteira instruída tornou-se sage-femme ou ‘mulher sábia’. De modo geral, pode-se afirmar que, entre o século XVI e início do XVIII, a parteira era uma mulher que aprendia seu ofício com outra comadre ou com a experiência de parir seus próprios filhos. Seu conhecimento era de natureza empírico-sensorial, assim como o da maioria dos praticantes das artes de curar – cirurgião, herbolário, farmacêutico, algebrista e sangrador.” (BARRETO, 2008:903).

A função da parteira neste período destacava-se pela ausência de profissionais que pudessem atender essas famílias em uma região que estava germinando, é por esse motivo que este ofício ganhou notoriedade na assistência domiciliar, e tornou-se esta figura emblemática. Pois era a parteira a única referência em assuntos sobre saúde, era ela que receitava chás e ervas para curar as enfermidades, que cuidava da dieta das mães, em alguns casos cabia a ela a difícil tarefa na época de instruir as moças sobre o casamento e determinadas funções de esposa, que as mães achavam delicadas demais para comentar com as filhas. O que conhecemos atualmente como o pré natal, este acompanhamento durante a gravidez cabia a “*comadre*”,

“A principal atividade da comadre estava relacionada aos estágios do nascimento: gravidez, parto e puerpério. Ela cortava o cordão umbilical, banhava e vestia o recém nascido, orientava a dieta alimentar da mãe e do filho e prescrevia remédios à base de ervas para as complicações puerperais. As parteiras também cuidavam das doenças femininas, especialmente aquelas relacionadas à sexualidade e à genitália.⁷ Quando se tratava de ciclos menstruais irregulares, amamentação, esterilidade, estupro, contracepção, abortos, corrimentos e doenças venéreas, as mulheres procuravam a orientação da parteira.” (BARRETO,2008:904)

Dona Arcanja assim como boa comadre, gozava de uma dedicação incansável, durante o dia ou a noite ela reafirmava seu chamado de parteira e auxiliava as muitas mulheres de toda a região abrangendo uma área composta, pelo que seria atualmente, os municípios de Cosmorama, Tanabi e Ecatu, “*cujo reconhecimento pelas suas habilidades chegava ultrapassar as fronteiras geográficas citadas.*”¹

“Mesmo cansada dos afazeres domésticos e das tarefas do campo, ela atendia sem reclamar mães em situação de parto a qualquer hora do dia ou da noite.”²

Assim, qualquer mulher que necessitasse do amparo podia contar com a zelosa Dona Arcanja, a ela deve-se o nascimento de aproximadamente três mil crianças. Ela fazia o acompanhamento da gestação segundo uma contagem de luas, que funcionava a partir do momento que a mulher anunciava a gravidez, a parteira calculava de quanto e em quanto

¹ Jornal da Diocese Hoje, São José do Rio Preto, março de 2011, p.8-9.

² Idem op. Cit. p.8.

tempo deveria passar na casa da gestante, tentando assinalar uma dada para o parto. Ficava preparada para hora do nascimento, quando estivesse perto da dada do nascimento deixava um cavalo apeado em um piquete perto de sua casa, quando chegava o momento do nascimento fazia se necessário até mais de um parto por noite, como nos relatou seu neto Miguel Bessa,

*“...então ela fazia a contagem da lua, que aquela época ela baseava na lua, então ela mais ou menos sabia o tempo que a criança ia nascer, e quando ela tinha tempo que ela passava perto da casa daquela mulher grávida, ela examinava a pessoa... e ela também tinha um cavalo que ficava num piquete pertinho da casa dela, então a pessoa chamava ela pra ir, a pessoa arreava aquele animal, ela pegava os ingrediente que ela usava e ia pra lá e fazia o parto daquela pessoa..., numa noite ela já pegou duas criança...na mesma noite que eu nasci ela fez dois partos, eu nasci duas e pouco da manhã e o outro parto que ela foi, que ela ajudou a mulher que até chamava Aparecida essa “ chara” minha de nasce na mesma noite e ela nasceu as 4 da manhã”.*³

Depois de trazer ao mundo as crianças, vinha o alerta para os cuidados com a mãe e o bebê, segundo sua neta dona Idalina de Souza ela orientava o que fazer e as mulheres seguiam exatamente como Arcanja dizia, pois temiam perder a criança,

*“Dava os quarenta dia não podia lavar a cabeça, oito dia comendo só sopa de galinha com farinha de milho,[...] e depois daí que podia comer feijão, o arroz só dos quinze dia que podia comer arroz era assim. Eu sei que antigamente era assim.[...] não podia nem dar banho, nem tirar do quarto, os sete dia era considerado guardado as criança.”*⁴

Dona Idalina ressalta a importância em seguir a orientação da vó, pois a ausência do auxílio de hospitais e a distancia desses estabelecimentos dificultava um acompanhamento especializado, então as mulheres seguiam os sábios conselhos da comadre para evitar a morte de seus rebentos.

³ Entrevista concedida pelo neto de Dona Arcanja, Miguel Bessa, no bairro Carrilho, para a escrita da monografia da conclusão do curso de Especialização, dia 10 de novembro de 2011.

⁴ Entrevista concedida pela neta de Dona Arcanja, Idalina de Souza, para a escrita da monografia da conclusão do curso de Especialização, dia 10 de novembro de 2011.

Porem não eram todos os partos que seguiam com naturalidade, como poderemos notar nas falas da neta da parturiente, havia complicações que dificultavam o nascimento, e a boa parteira que recebia seu dom de Deus, cumpria sua missão com fé, o que permitia a gestante confiar nas mãos abençoadas da comadre,

“E minha vó Arcanja também, quando ela ia ‘faze os parto assim’, ela se apegava muito a Deus, ‘né’? E nossa mãe Maria santíssima que ilumina. Ela tinha muita fé assim minha vó, e através das orações dela, ‘né’? Igual no ultimo parto que ela fez do meu Laudeir, eu quase morri, hemorragia que eu nem podia respira... que aquilo era de hemorragia, mas ‘ai’ ela foi pedindo a Deus, fazendo a simpatia que ela sabia, foi pedindo a Deus, pedindo a Deus até que... Deus abençoou que a hemorragia foi cortada, mas olha foi por Deus, passei no fundinho de uma panela mesmo, mas Deus abençoa, que a gente alcança as graças divinas de Deus.”⁵

A parteira era católica e devota de Nossa Senhora Aparecida, recebia esse ofício divino como missão, era pelas mãos dela que Deus dava o sopro da vida as crianças, elas tinham isso como um dom que recebiam de mãe para filha, a fé de Dona Arcanja citada por Dona Idalina, durante seu difícil parto, são semelhantes às de muitas mulheres que se viram nas mãos das parteiras. Essas mulheres se dedicavam a essa função por acreditarem ser uma vocação que lhe foram dada pelo próprio Deus, como nos afirma

“Dom e vocação não são vistos pelas parteiras como algo imposto, mas sim como natural, nascendo com a pessoa. Mesmo aquelas que dizem ter herdado a prática da mãe ou da avó, acreditam que se não tivessem vocação não teriam seguido o ofício que é na verdade uma “missão”. (BARROSO, 2001.p.91)

A parteira Arcanja transmitia tranquilidade e calma durante o parto, sua atenção fazia com que as famílias confiassem e a procurassem diante da urgência do nascimento. Apesar da sua fé e suas rezas nem sempre a criança vingava ou criava, e até nesta hora de angustia a comadre resolveu reservar um espaço para as crianças que morriam pós o parto, de enfermidade ou os que a gestação foi interrompida fatalmente. Pediu ao filho João Pedro Bessa, pai do Sr. Miguel Bessa, para que colocasse uma enorme cruz ao centro de um pequeno cercado de aroeira e lá neste lugar sepultava as crianças que morriam durante o

⁵ Entrevista concedida pela neta de Dona Arcanja, Idalina de Souza, para a escrita da monografia da conclusão do curso de Especialização, dia 10 de novembro de 2011.

parto, ela embrulhava o pequeno corpo num lençol e antes de enterrar fazia uma pequena celebração,

“...então quando as mulheres tinha o aborto e morria as crianças pequenininha, então ela embrulhava num pano cavava aquele chão lá e jogava sal e enterrava aquela criança uma simbologia de um batismo que ela fazia... a gente via que morria muita criança, inclusive pelo que a gente conhece e sabe eu devo ter ali uns 8 irmão enterrado, porque minha mãe teve ...nasceu com ela 22 filhos e criou 14, morreu oito e eles estão... foi tudo sepultado ali”⁶

O cemitério ficava em frente à casa da parteira que enterrou todas as crianças de até sete anos da região que viessem a óbito, por isso esse lugar recebe o nome de cemitério dos Anjinhos, seguindo a tradição católica de intitular as crianças que faleciam de anjos. Cercado de casca de aroeira, com uma cruz central, no cemitério eram sepultados os corpos de crianças de até sete anos. Os entes da parteira não conseguiram precisar o número de anjos que foram ali enterrados, todavia percebemos nas falas de Sr. Miguel, que foram muitos.

A presença dos rituais católicos eram fortes na vila Carrilho, todos os dias santos eram comemorados a risca das datas, todavia a ausência de uma capela ou igrejinha para a comemoração destas festividades, levaram Dona Arcanja a fazer as celebrações no lugar onde estava erguida a Santa Cruz, sendo este lugar o cemitério. O cemitério como um local sagrado passou a ser o ponto de referência de orações e rezas da vila. Das celebrações do período da páscoa, de Natal, às festividades como o dia de Santa Cruz, todos os moradores da vila e da região se uniam para rezar.

Eram ali celebrados, em especial, o dia de Santa Cruz, no dia 3 de maio de cada ano. A comemoração santa, recebeu parte do nome do cemitério, ficou conhecida como Festa dos Anjinhos. A Festa dos Anjinhos começa com os preparativos dos alimentos eram preparados por Dona Arcanja doce de leite, doce de laranja, anizeta, biscoitos de polvilho, dentre outros feitos com zelo pelas mãos da parteira que eram servidos depois da reza. No dia do terço, pela manhã, as mulheres colhiam flores para enfeitar o local.

⁶ Entrevista concedida pelo neto de Dona Arcanja, Miguel Bessa, no bairro Carrilho, para a escrita da monografia da conclusão do curso de Especialização, dia 10 de novembro de 2011.

Mais tarde, começavam os preparativos muitos pavios de algodão eram acesos sobre azeite caseiro depositado na concavidade das cascas de laranja, preparadas uma a uma sem bagaço, e em forma de candeia, alinhadas sobre as lascas do cercado. O espetáculo noturno é de um grande rosário cujas contas são os pontos luminosos. Após as orações, começa a confraternização, uma bela celebração religiosa e fraternal para selar a amizade e a união da família e dos amigos que viviam naquelas cercanias.

Dona Arcanja, faleceu aos 103 anos, mesmo após a morte da parteira houve a permanência da tradição. E dar a essa festividade a visibilidade histórica de patrimônio cultural de Cosmorama e do Noroeste do estado de São Paulo. Patrimônio é uma palavra de origem romana que significa “bens de herança transmitidos dos pais para os filhos pela força da lei”. O patrimônio exposto neste artigo é uma herança material e imaterial, de relevância municipal, regional e estadual, com raízes do período colonial brasileiro, herança transmitida dos pais para os filhos, neste caso não pela força da lei, no entanto pela força da memória, do ente querido que faleceu, e que deixou essa tradição.

Atualmente, os pavios de tecido são substituídos pelas velas de parafina, mas o terço, os cânticos, a contribuição, o café, o biscoito e os doces permanecem; o anisete servia e serve para alegrar os espíritos. A tradição da reza do terço, da celebração e confraternização, permaneceram e são parte da história do bairro, da cidade, da região e do estado.

Pois é a partir das tradições culturais e religiosas no bairro Carrilho de Cosmorama/SP e as memórias que constituem a história deste espaço, é que identificamos esse lugar como um espaço de memória, e segundo Pesavento:

“Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irre recuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens.”⁷

⁷ PESAVENTO, S. J. **História, memória e centralidade urbana**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2007. Postado em 05 janeiro 2007. URL : <http://nuevomundo.revues.org/3212>. Consultado em 01 junho 2011.

A presentificação da ausência da Dona Arcanja e de outros que seguirão sua tradição estão vivos e fortemente marcados naquele cemitério. A apropriação deste patrimônio imaterial (que é caracterizado pelos saberes, conhecimentos, formas de fazer/criar) pretende a reconstrução desta parte importante e fundamental da história do bairro e da região, tendo por base essa Festa, em especial, suas memórias e práticas, principalmente por entender que a cultura local contribui de forma particular como registro formal e acadêmico da história local. A perspectiva do patrimônio como parte integrante da memória social ressaltando o ofício das parteiras e as raízes religiosas locais como importantes linhas de descrição da identidade cultural dos moradores do bairro.

A memória social será tão mais significativa quanto mais representar o que foi vivido pelos diversos segmentos sociais e quanto mais mobilizar o mundo afetivo dos indivíduos suscitando suas lembranças particulares. (FUNARI, 2003:18) Como se sustentados pela sensação nostálgica, tivéssemos de volta as sensações já vividas em um passado não muito distante e cujos sentimentos ainda nos tocam de forma bem presente. Os moradores locais, embora possuindo afetividade pelo patrimônio cultural constituído, tenham discernimento para distinguir sua importância coletiva e individual, (CAMARGO, 2002: 98) através das tradições religiosas que fazem presente esse passado da memória da Dona Arcanja pela celebração da festa dos anjinhos.

Agora nos cabe todo cuidado ao fazer essa viagem ao passado, todavia não cabe ao historiador “destruir essa cultura” como também nos alerta o autor, para que a história não torne-se como uma “reconstrução incompleta do passado” (Nora, p. 9) faremos uma descrição densa da Festa dos Anjinhos, de cada processo da celebração, bem como esmiuçaremos o ser mulher a partir da parteira Arcanja e das parturientes que atendeu.

A partir de Dona Arcanja e de seu modo de viver e da tradição que nos reservou, podemos desenhá-la assim como a famosa história de Menocchio da obra “O queijo e os vermes” de Carlo Ginzburg, onde a partir de um sujeito podemos analisar a sua própria forma de perceber o mundo. Portanto, a narrativa aqui transcrita logo faz parte de uma abordagem da micro história, poderíamos dizer, segundo Ginzburg, que Dona Arcanja “é *nosso*

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

antepassado, mas é também um fragmento perdido, que nos alcançou por acaso”
(GINZBURG, 2006:26).

FONTES

Jornal da Diocese Hoje, São José do Rio Preto, março de 2011,p.8-9.

Entrevista concedida pelo neto de Dona Arcanja, Miguel Bessa, no bairro Carrilho, para a escrita da monografia da conclusão do curso de Especialização, dia 10 de novembro de 2011.

Entrevista concedida pela neta de Dona Arcanja, Idalina de Souza, para a escrita da monografia da conclusão do curso de Especialização, dia 10 de novembro de 2011.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maria Renilda Nery. Assistência ao nascimento na Bahia oitocentista. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008,p.903

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CAMARGO,H.L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade. Editora UNESP, 2001.

FUNARI, P.P e PINSKY,J. **Preservar e consumir: o patrimônio histórico e turístico**.In. Turismo e Patrimônio Cultural, São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NORA, P. **“Entre memória e história: A problemática dos lugares”**. In. Projeto História. São Paulo(10), dez/1993.

PESAVENTO, S. J. **História, memória e centralidade urbana** . *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2007. Postado em 05 janeiro 2007. URL: <http://nuevomundo.revues.org/3212>. Consultado em 01 junho 2011.